

O BELO CAMINHAR DOS GUARANI: ENTREVISTA COM TATAENDY

DOI:

Julia Judith Quispe Supo
 Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e
 Identidade, Acre - Brasil
 julia.supo@sou.ufac.br
<https://orcid.org/0000-0003-1552-2680>

Francisco Bento da Silva
 Universidade Federal do Acre, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Acre - Brasil
 francisco.bento@ufac.br
<https://orcid.org/0000-0002-6611-5391>

Conhecer o pensamento, a língua e a cosmovisão dos povos indígenas são de suma importância em nossa sociedade cada dia mais globalizante. Nesta ocasião, trazemos uma entrevista com Miguel Jorge Martins da Silva, nome na língua do colonizador, e Tataendy, na língua indígena Guarani. O objetivo desta entrevista foi conhecer a filosofia do bem viver contida no *nhandereko* (o jeito de ser e viver em total plenitude) do povo Guarani. Os Guarani estão atualmente estabelecidos em quatro países da América do Sul: Brasil, Paraguai, Bolívia e Argentina. Os Guarani no Brasil, hoje, constituem o maior povo indígena do país (Survival, s/d). Antes da chegada dos colonizadores espanhóis e portugueses, segundo Melià (1991), o território Guarani cobria um vasto território, que ia da costa atlântica ao sul de São Vicente, no Brasil, até a margem direita do rio Paraguai, e do sul do rio Paranapanema e do grande Pantanal até as Ilhas do delta próximo a Buenos Aires. Porém, nas palavras de nosso entrevistado, o povo Guarani é conhecido como um povo caminhador, que transita desde o Sul do continente, do extremo Sul da América, até ao mar do Caribe, acima da Venezuela, perto do México. Esta entrevista foi realizada em duas etapas sob a supervisão, coordenação e revisão do meu orientador, Francisco Bento da Silva. E o conteúdo da conversa está descrito a seguir.

Primeira parte da entrevista

Pergunta: Primeiramente, gostaríamos de saber quem é o Tataendy? Por que o nome Tataendy e o que significa? Esse nome foi dado por seus pais ou o senhor decidiu se nomear?

Tataendy: A primeira pergunta é: gostaria de saber quem é Tataendy? O Tataendy é uma palavra *Mbyá Guarani*. Eu sou uma palavra *Guarani*, e, para os *Mbyá*, a pessoa é um ser que anda, ele é uma pessoa e uma palavra. Então, eu sou uma palavra que se põs em pé e anda. O que significa Tataendy? Tataendy, significa que *Tata* é fogo e *endy* é luz, então eu sou uma pessoa que



pauta sua existência neste plano pela luz que vem do fogo, né, pela sabedoria que vem do fogo. E depois, esse nome para nós *Mbyá*, não são os pais que escolhem o nome das pessoas; porque o nome é dado através de uma negociação do *opygua*, que vulgarmente é chamado de pajé: ele negocia com os espíritos da região de onde vejo essa palavra-alma, é ele que atribui o nome. Então, esse é o nome que eu posso divulgar.

Eu tenho dois nomes, um é segredo e ninguém pode saber, a não ser o pajé e eu, porque é o que me domina, é o que eu sou, é o que me expõe, e que me deixa vulnerável, né? É difícil falar [em] português. E, então, aí [é] o pajé que determina que, através dessa negociação, diz qual é o meu nome, meu nome, então, é Tataendy, foi escolhido pelo pajé. Meus pais não têm, não agem, não têm influência sobre a escolha do meu nome, porque as palavras-almas, segundo nossa cosmologia - que para os brancos seria mitologia - nós preferimos classificá-las como a parte mítica de nosso conhecimento. Ela vem dos quatro cantos básicos da terra que se confundem com os quatro pontos cardeais principais, né? O Norte, o Sul, o Leste e o Oeste. O Leste de Karaí, de onde nasce o sol, e o Oeste de Tupã, onde se põe o sol. O Norte é de *Nhamandú* e o Sul é *Jacayra*, não sei, acho que já falei o Tupã, eu tô meio na força do Rapé [risos].

Mas, cada coi..., nós temos as quatro, as quatro forças que o *Nhanderu* se desdobrou, né? Em *Nhamandu*, *Jakayra*, *Karaí* e *Tupã*. Então, cada uma delas ficou como os pontos cardeais da Terra, e o centro deste planeta para nós se situa no Paraguai, né? Por isso que, quando chegaram os colonizadores, para que nós não fôssemos subjugados, né, aqueles que conseguiram fugir, recuar, se refugiaram nos montes do Paraguai. E por isso que tem bastante *Guarani*, inclusive tem uma nação Guarani: os *Chiriguano*s, [também] na Bolívia¹. E os outros, quando os brancos se amansaram um pouco mais, né, que ainda são terríveis, nós começamos a voltar nos territórios antigos, nossos territórios por onde nós andávamos, né? Nós somos um povo caminhador, mas nós não somos nômades: somos um povo que circula, não nos fixamos muito tempo no mesmo lugar, sempre estamos em constante movimento e retornando aos mesmos pontos. Por isso que é difícil a demarcação de nosso território. Nosso território vai desde o Sul, desde o Extremo Sul da América, até o mar do Caribe, acima da Venezuela, perto do México, né? Esses eram nossos territórios que percorríamos.

Pergunta: Onde nasceu o Tataendy e como decidiu morar em Rio Branco?

Tataendy: *Bueno*, eu nasci em Rio Grande do Sul, sou da cidade de Santo Ângelo *gua*². E, como eu disse anteriormente, nós somos um povo caminhador, inclusive nós temos vários nomes que os outros parentes indígenas nos chamam de *Tapejará*, que é aquele que zela dos caminhos, né? De nossos caminhos. Mas temos o pajé, ele sabe onde estão os caminhos que sempre foram percorridos, pode ser na mata, na areia, ele sabe a trilha certinha. Nós tínhamos *peaberus*, que são caminhos demarcados desde o Sul até o Sul do

1 O território tradicional, historicamente ocupado pelos Guarani, quando da chegada dos colonizadores espanhóis e portugueses, se estendia da parte norte, da hoje Argentina, Paraguai, Bolívia e Sul/Centro Oeste do Brasil. A maior parte da população Guarani, hoje, - 85 mil pessoas - vive no Brasil, seguidos de 83 mil na Bolívia, 61 mil no Paraguai e 54 mil na Argentina (cimi.org.br).

2 “Gua” é uma expressão *Guarani* que usualmente é colocada ao final do lugar de origem, segundo o Tataendy.

México. Inclusive, em Cusco, existem caminhos nossos, que nós comercializávamos a erva mate de *ka'a*, com os incas né? Com os incas, em troca de sal, que o sal nós não utilizamos na culinária, nós utilizamos para nossos rituais. Inclusive, é aí porque eu deixei e eu saí de Rio Grande, porque nós somos um povo caminhador.

O meu pai já estava muito velho e nosso núcleo familiar já tinha se dividido. A maior parte com minha mãe desceu para a região de Porto Alegre, que é a capital de Rio Grande do Sul, né? E aí ficou muito reduzido nosso grupo. E aí, meu pai aconselhou-me que para mim aprender eu tinha que caminhar. E aí, desde os oitenta [anos 1980], me lancei a caminhar, conheço o Brasil todinho, caminhando para aqui, para lá, né? Aprendendo com os humanos, com os não humanos, com os visíveis, com os invisíveis e fui me formando né? Até chegar aqui.

Estive em Caracaraí, Roraima, aí depois desci. Eu ia para Colômbia, mas aí eu subi para Solimões. Tive uma parada em Tefé porque, em cada ponto, nós sonhamos onde é para ficar. A gente fica, até sonhar de novo para continuar caminhando. E, quando cheguei em Tefé, eu tive um sonho para ficar ali, né? Que eu ia encontrar o que procurava... E aí eu conheci a minha alma, que seria minha companheira. Eu sabia que era ela, eu soube sempre que era ela e esperei até ir lá. Ela estava pronta para seguir o caminho comigo. E aí, eu ia voltar para o Sul. Meu pai já tinha partido para a espiritualidade e eu ia voltar para o Sul junto com meu povo. Não sei por que tentei descer pela Bahia, onde ficamos, e onde eu passei meu inferno astral. E lembrar sempre traz lembranças e as lembranças machucam, mesmo na minha idade vão machucando, as coisas que não são ditas né? Mas parecem que estão mortas e afloram. Aí, nós passamos muito trabalho na Bahia, onde ficamos doze anos lá. Daí, como vivia no sertão, no período da seca de vinte anos, a maior seca que deu no Nordeste, nós saímos como retirantes da seca né? Nós íamos voltar para a Amazônia, porque é o povo da minha mulher. Aí, inventei de ir pelo Acre.

Chegamos em Rio Branco, e aí eu queria vir aqui em Cruzeiro do Sul para pegar um barco, que desceria pelo Juruá, que deságua no Solimões, perto de Tefé. Seria mais rápido para mim e mais barato a passagem de ônibus, é mais fácil. Mas aí, em Rio Branco, me ofereceram uma terra e essa terra já tinha sonhado com ela. Quando me ofereceram, sabia que era para mim ficar lá. Eu fiquei até hoje e não sonhei mais em sair. Tenho vontade de sair, mas enquanto eu não sonhar, eu estou por lá. Por isso que fiquei em Rio Branco. Lá, nós criamos os *Tekoa*, a filharada toda. E, depois, a vida é meio difícil: nossa terra é pequena, nossos filhos mais velhos migraram para Bahia. E aí buscaram [seus objetivos] e estão até hoje, eu também fiquei em Rio Branco.

Pergunta: Tataendy, o senhor falou sobre o inferno astral, como é passar o inferno astral?

Tataendy: Não, não diria que é uma enfermidade. Eu diria que são coisas que nos atravessam, coisas que não ficaram bem resolvidas e, também, eu não fiz as coisas que deveriam ter sido feitas. Porque, na Bahia, comecei a beber, a primeira vez que experimentei

a bebida de álcool, eu me viciiei. Fiquei muito tempo para me dar conta que eu estava com problemas alcoólicos e causei sofrimento para minha família. E, aí, só parei de beber quando cheguei no Acre, [quando] me dei conta e disse [que isso] não é para mim, não posso ser assim. E, aí, na mesma hora parei de beber. Nunca mais bebi. Mas, esse sofrimento que causei para os que me acompanham é o que me dói até agora. Não tenho como apagar isso, né? Nem [como] pagar.

Pergunta: Qual é sua língua materna? Poderia falar algumas palavras ou cantar uma música em sua língua materna?

Tataendy: A minha língua mãe, né, é o *Mbyá Guarani*. Mas eu não pratico *Mbyá Guarani* desde os nove anos de idade. Então, eu tenho muitas palavras que eu perdi. Eu desacostumei o ouvido também, de captar as palavras, né? Aí, eu tenho muita dificuldade, e eu aprendi a pensar em português, me acostumei a pensar em português. E aí, [para falar *Guarani*] eu tenho que ouvir duas, três vezes, para eu poder assimilar. Mas posso cantar um pedacinho... Cantar não, vou falar um pedacinho, uma frase em *Guarani* que me toca muito e aí eu traduzo: *Nhamandu mirin xe atarandu rape*. Isso quer dizer, em português, a tradução. Porque o simbolismo da nossa palavra é mais extensivo do que as palavras em português. As palavras em português são aprisionadas, são muito retas e não têm aquela poética. Mas, em *Guarani*, *Nhamandu mirin* é pequeno espírito, pode-se traduzir por pequeno espírito, *xe atarandu rape* é guiar meus passos na sabedoria. É isso! Pedindo ao pequeno espírito para guiar meus passos, cada caminhada que eu der seja dentro da sabedoria do *Mbyá*.

Pergunta: Tataendy, a *akã regua* que o senhor usa tem algum significado?

Tataendy: Porque nós temos vários nomes, né? Uma coisa leva a outra, e chega aí. Uma coisa leva a outra. Por exemplo, a sociedade, essa que nos cerca, nos chamava de *Mbyá*, mas as palavras nem têm tradução na nossa língua. Só *Mbyá* não sabe o que é isso, não se trata como *Mbyá* de um *Guarani* para o outro. Nos chamavam também de *Tapejara*. *Tapejara* é aquele que zela os caminhos. Essa, até a gente gosta, né? A gente se identifica com ela. Mas, também não é nosso nome. O nome correto do povo *Mbyá* se identifica de um para o outro através de *jeguakawa porã hei*, isso quer dizer que somos os filhos adornados daquele que se desdobrou nas coisas todas que existem. Então, nós só gostamos de nos enfeitar, é só um enfeite, né? Um enfeite, até para honrar o nosso nome. Mas nós não usamos mais as penas, né? Não usamos no cocar a pena de animais, essas coisas...

Pergunta: E os grafismos também são de enfeite?

Tataendy: Não, as grafias têm significado: agora está apagado o desenho do meu rosto, e quer dizer que eu estava muito alegre, muito feliz em ter participado dessa jornada aqui, no Cruzeiro do Sul [Campus UFAC]. Outro *Guarani* diria que eu estava muito contente, né, de estar no meio onde estou, com as pessoas com quem estou convivendo. Já essa do braço aqui significa que esses dois traços paralelos significam a vida sem fim, o infinito. E esses traços transversais, né, que não se vê saída, quase representam as muitas vidas, as vidas que a gente já teve e vai ter. E, muitas, muitas, muitas vidas até atingir o estado de

aguyje. E aqui o *aguyje*, para chegar a um estado de *aguyje*, de sublimação, você tem que se despir de todas essas coisas, né, se tornar leve, leve como a pluma do peito do beija-flor. Porque, para nós, o beija-flor é aquele que leva as almas para *yvy marã ei*, a terra sem males. Então, uma pessoa se torna desprendida de tudo, que se despe, né? Vai tirando as vestes que lhe pesam no corpo, na alma. Vão tirando tudo até chegar ao estado de *aguyje*. E, quando já estiver no estado de *aguyje*, ele dispensa o beija-flor, porque ele aí, a pessoa, pode ascender sem sofrer a corrupção da morte: vai de corpo e alma, como se diz... É isso!

Pergunta: Tataendy, agora poderia nos explicar sobre o *Teko Porã* ou o belo modo de ser dos *Guarani*?

Tataendy: *Teko* é modo de ser, e *Porã* é belo, bom, bonito. É uma palavra cujo significado exprime todas as coisas positivas, né? Tudo que é bom, belo, bonito é *Porã* e, ao contrário, seria *vaí*. Aí, então, o *Teko* é o modo de ser, já o *Tekoha* é onde o *Guarani* pode atingir sua plenitude, pois é o local da abundância e das completudes, onde temos o *opy*, casa de reza para conexão. Isso é vital para nós, viver conectado com as divindades, né, com os grandes espíritos.

E, então, vou falar sobre o *Nhandereko*: são as normas herdadas de nosso pai primeiro, né, e a gente chama de *Nhanderu*, *Nhande* é nosso e *Rú* é pai. A origem, a grande fonte dos *Guarani* e de tudo que existe é *Nhamandú*, o nome é *Nhamandú*, aquele que de sua sabedoria e do amor contido em seu *Pia Guaxu*, grande coração, se desdobrou nas coisas que ainda eram não, o mundo ainda não existia, não existia o sol, não existia luz, e ele se bastava com a luz vinda do amor e da sua sabedoria que o iluminava. O pássaro original, também que é o *Manoi'i*, o colibri originário, alimentava *Nhamandu*, depositando em seus lábios, o néctar das flores do *akã regua* de *Jasuka*.

Nhamandu, sentindo-se sozinho, desdobrou-se inicialmente nos quatro principais partícipes de sua sabedoria e do seu excelso amor. Porque o *Nhanderu ete tenondé gua*, o nosso Pai verdadeiro, último primeiro, se desdobrou em *Karai Ru ete* e em *Karai Si ete*; *Jacayra Ru ete* e *Jacayra Si ete*, *Tupã Ru Ete* e *Tupã Si Ete*; e também em *Nhamandu Ru Ete* e *Nhamandu Si Ete*, que são os verdadeiros pais e mães das palavras-almas.

E *Nhamandu Ru Ete*, se desdobrou no solo que ainda não existia, e foi se desdobrando e criando todas as coisas, e se desdobrou no *ta'tu* para conhecer as profundezas do solo, aí vou fazer uma pausa e depois eu continuo.

SEGUNDA PARTE DA ENTREVISTA

Pergunta: Tataendy, a última vez em que conversamos, lá no campus de Cruzeiro do Sul, o senhor estava nos explicando sobre o *Nhanderu*, como ele tinha se desdobrado em *ta'tu* para conhecer as profundezas do solo. Então, o *ta'tu* tem algum significado espiritual?

Tataendy: Não, isso é metafórico, né? Porque o nosso idioma é metafórico, por isso dissemos que ele é poético. E *Nhande-Ru* se desdobrou em todas as coisas que existem,

em tudo o que existe, no próprio planeta. Os planetas que estão nesse espaço aí. Para se conhecer as coisas em profundidade, temos que nos integrar naquilo que se pretende conhecer, tem que fazer parte daquilo. Então, uma forma metafórica é que se desdobrou no *ta'tu*. O *ta'tu* é sagrado para nós, assim como o solo é sagrado, assim como a minhoca, os vermes que habitam o subsolo, a terra, os pássaros... tudo é sagrado!

E as pessoas são sagradas, as árvores são sagradas... Porque a mesma origem é essa energia que é desdobrada do grande espírito. Ele desdobrou-se nas coisas que não existiam: no dia, na noite, essas coisas. Então, por isso que todas as coisas são sagradas, porque nós consideramos o grande espírito que é isso aqui. É a energia do grande espírito que faz se manifestarem as diferentes formas de vida. Nós, então, consideramos como parentes, porque a energia desdobrada de *Nhamandu ete* está presente em todas as coisas, que vibram e que pulsam.

O não indígena diz que meu parente é aquele que tem o meu sangue, pai do meu pai, do meu avô, não sei mais o que... as famílias. Nós não, né? Nós dissemos que o sangue, que é a energia que constitui tudo, é a mesma. Então, nós somos deuses também. Então, por isso, temos que tratar com respeito todas as coisas, já que você é um deus e as outras também são deuses. Nós temos que viver em harmonia!

Pergunta: Agora, o senhor poderia nos contar sobre algum ritual mais relevante da cosmovisão *Guarani Mbyá*?

Tataendy: A nossa vida é ritualizada, né? A vida no *Tekoha* é um ritual, desde que você acorda até a hora que você dorme, é um ritual. Como você convive com os mais velhos é ritualizado e como você convive com os mais novos [também]... O que você dá aos mais velhos e às crianças é o mesmo respeito. Porque os mais velhos nos ensinam e os mais novos vieram para aprender com a gente e com os mais velhos. Quando você passa pelos iguais de idade, para a saudação de manhã cedo, tem uma forma de saudar. Quando você passa pelos mais velhos, você agradece *Aguyjevete*, que é gratidão verdadeira - estou verdadeiramente agradecido de encontrar com o senhor. Com as crianças, também se dá o mesmo tratamento. Então, é uma forma ritualizada. Quando se encontra com os jovens, é *ja'ujo*, ou *jacarujo*.

O *Juruá* cumprimenta “bom dia!”, “boa tarde!”. Nós, perguntamos como você está – *Mba'éichapa!* [risos], porque a gente quer saber como é que o outro está, e se o outro fala “amanheci muito bem! Ah! Eu também amanheci muito bem”. E, entre os *Juruás*, se perguntar “e aí, como que vai?” e você começa a contar sua vida, ele fica doido.

Então é isso, um ritual. Mas tem rituais específicos para mulheres e para homens. Um dos rituais mais relevantes, praticados fora do *Opy*, casa de rezas, é o *Xondaro*, dança de defesa praticada pelos jovens, que se baseia na esquiva, não no ataque, a qual permite obter a habilidade de se defender de uma flecha.

Agora, para as mulheres, quando as mulheres passam pela menstruação, tem um ritual especial para elas, para receber a primeira menstruação: se isolam, têm alimentação diferenciada, têm alimentos que são proibidos. Proibidos [risos], não existe nada

proibido, mas que não oferecem para ela porque pode acarretar doença, depois e durante a menstruação, como cólicas e menstruação em excesso. Então, para a primeira menstruação, tem uma série de impedimentos e ela se recolhe para poder se harmonizar com o próprio corpo, né? Para essa transformação, como se fosse uma borboleta, uma larva se transformando em borboleta, ou saindo de um casulo, e aí depois, quando ela vai estar pronta para constituir uma família, também se reúnem, né, que aí já é considerada uma menina moça, e vai se transformando... é um ser completo, como mãe, como mulher para ser mãe, para o que ela desejar. Também é outro ritual, porque a mulher é muito importante para o povo *Guarani*. Eu falo *Guarani* como se eu estivesse fora, né? Meu povo considera a mulher de importância, acima de tudo... uma grande mãe criadora do universo, é uma mulher, não um homem. Deus, todo poderoso, para nós não existe. Quem se desdobrou em *Nhandereko* - que é esse grande espírito que nos deu origem - foi *Jacayra*, um ente feminino, e nós reconhecemos isso com as mulheres da aldeia. Porque nós aprendemos o idioma, nós falamos os segredos do idioma *Guarani*. A arte de falar em *Guarani*, que é uma arte né? As danças com a mãe, aí dentro da mãe, ela entra numa roça, está dançando e está falando *Guarani*, não usual né? Que só é metafórico, né, e a gente começa aprender já no ventre, e o grande ritual é o da concepção, do nascimento, e as mães têm consciência que durante a gestação já estão ensinando para seus filhos. E, depois que a gente nasce, tem consciência que aprendeu certas coisas desde antes do nascimento com a mãe, é hereditário, né? As palavras em português... É bem complicado... hereditário, daí vem da herança né? Mas, é uma forma, né? Não sei como explicar em português, é mais ou menos isso!

Também tem outros rituais, rituais sagrados que não posso falar, e que branco nenhum sabe. Esses estudiosos que vão para os *Tekoha* ficam anos e anos, né? E, quando eles estão no *Tekoha*, ninguém fala sobre isso... É tabu, é segredo nosso. Senão, nós já teríamos deixado de existir enquanto povo. Convivemos com os *Juruá* desde que eles botaram os pés nessas terras e nós convivemos com eles. E aí ainda mantemos nossos segredos.

Pergunta: Uma das características do povo *Guarani* é ser caminhante, qual é o propósito?

Tataendy: Nós somos a palavra que anda, nós somos enquanto palavra, nós somos palavra. E, uma palavra estagnada é como se fosse uma palavra não dita, ou pior, silenciada. Ainda que nós respeitamos as palavras não ditas, atribuímos muito valor a elas. Para aprender, temos que caminhar. O aprendizado está no primeiro passo que se dá, e isto é um exercício de aprendizado, pois desenvolvemos o equilíbrio. A cada passo dado vamos aprendendo isso, aprendendo aquilo... E como eu vou aprender se me mantivesse isolado dentro de um local, se ficasse dentro de casa sentado? Eu poderia aprender sobre as coisas transcendentais, mas, ainda assim, teria falta de experimentação. Contudo, a vida real, palpável, com seus cheiros, cores e suas particularidades, dos seres que existem, dos encantados, como que vou aprender, se eu não saio para buscar? E, também, nós somos

conhecidos como *Tapejara* aquele que vive pelos caminhos. Mas o aprendizado se dá no caminhar. Quando eu saí de casa, em oitenta [anos 1980], eu tinha vinte e poucos anos. Já tinha família constituída e eu não sabia. Eu era uma pessoa, era um tipo de pessoa e, nesse caminhar, por esta terra conhecida por Brasil, eu aprendi muita coisa como eu aprenderia junto com os meus. Eu aprendi até como pensam os brancos: você tem que conhecer os seus inimigos. Eles são nossos inimigos! Todas as mazelas que os indígenas passam, a origem, localizam-se com o contato com brancos. Eles trouxeram as doenças, a obsessão por um [egocentrismo], a ânsia de dominar e conquistar, bem como o vírus do capital. E sempre afirmo que é o mais letal, pois, ao primeiro contato, já não se é mais o mesmo.

Um povo, uma nação falam através de seus indivíduos, ainda que cada indivíduo tenha suas particularidades, mas está quase sempre fundamentado pelas suas raízes. Como meu exemplo, eu não falo pelo meu povo, não posso me arvorar de ser representante. Porém, o que digo são impressões particulares que estão fundamentadas no *Nhandereko*, o modo de ser do povo *Mbya Guarani*. Tenho aprendido muitas coisas convivendo com todo tipo de seres, todo tipo de pessoas, etnias, com os visíveis e não visíveis. Eu gosto sempre de salientar isso: eu aprendi, mas meus fundamentos não perco, fundamento que eu tenho enquanto *Guarani*.

Pergunta: Como os Guarani se relacionam com a natureza?

Tataendy: A nossa relação com a natureza... Nós não temos uma relação com a natureza porque não existe um nós e a natureza! Partindo do princípio que todos nós somos os partícipes dessa energia, que foi emanada do amor incondicional sobre todas as coisas, do grande espírito, além do seu próprio amor, desdobrou-se em tudo isso que ainda não existia. Então, essa energia que vem dele, que dá forma a todas as coisas que existem, é a mesma que corre em mim, corre em todos os seres que vivem, que pulsam, que vibram... Os que se locomovem, os que não se locomovem, os visíveis e os não visíveis, todos são a mesma energia. E nós encaramos esse que chamam de natureza como uma parte de nós, como se fosse parente nosso. E já o que veio da Europa, tudo para eles são recursos: as pessoas são recursos humanos, recursos no sentido de bens materiais, bens que você pode lucrar, utilizar e multiplicar o seu capital. Então, tem os recursos humanos, as árvores são recursos madeireiros ou que se pode extrair óleos, e essa gama de coisas... tudo visando o comércio. Já falava mesmo em recursos comerciais. Então, o solo é uma parte de nós. Nós fazemos parte do solo, somos uns com tudo que existe. Somos parentes! O caçador é parente da caça, a flecha é parente do arco. O remo é parente da canoa, a canoa é parente da água. Os peixes são parentes da água. Assim, nós somos parentes de tudo que nos cerca.

Pergunta: Por fim, poderia nos contar sobre sua trajetória acadêmica?

Tataendy: Meu ensino fundamental durou não mais de 15 dias, por aí. Foi quando eu entrei na escola e aí eu saí da escola, não me adaptei. E eu não conseguia aprender, eu não conseguia me alfabetizar. Considero, também, a alfabetização uma agressão à crian-

ça. Eu vivia de castigo por não aprender as cinco vogais, né? A, e, i, o, u ... Não tinha recreio, vivia no canto da sala com a orelha de burro. E aí, sendo muito infeliz na escola, eu saí. Aí meu pai, ele era alfabetizado. Minha mãe sabia bem pouquinho, mas ela tinha paciência e ela me ensinava... E queria que eu aprendesse a ler pra estudar, para poder ser “gente” [risos]... Essas coisas!

Mas eu não voltei mais pra escola. E aí eu comecei a ler, aprendi a ler com meu pai e acabei me apaixonando pelos livros. Meu pai era muito relacionado com esses professores, esses advogados da cidade, que gostavam de ouvir o meu pai falar e davam para ele livros. E ele entrava para dentro e estudava. E eu tomei esse gosto para leitura com ele. Então, eu fui meio autodidata. Tem muita palavra que ainda escrevo errado, mas eu não sei se é só problema meu de alfabetização ou o português que é complicado.

Eu queria era que a Marlinda [a esposa] estudasse. Ela cursou um pedaço do segundo grau, e eu queria que ela estudasse para conviver com outras pessoas. E aí eu fiz uma campanha para ela ir. [Como] Ela não queria ir, então disse “eu também vou contigo”. E, daí, fizemos o ENEM juntos. Ela passou, eu passei. Precisava de segundo grau, aí me inscrevi. Eu consegui fazer ENEM, não me lembro como, mas dei um jeito e consegui. E aí precisava entrar na universidade e precisava comprovar. Mas eu rodei em português, que eu vivia escrevendo, me considerava tão poeta, e não atingi a nota em português, na redação né? Daí, eu fiz o curso de português/redação e aí eu passei. E aí entrei na graduação e, para incentivar a Marlinda, entrei também para fazer ciências sociais. Eu queria fazer agronomia, eu sou apaixonado pela agricultura. Todo Guarani é agrônomo em potencial [risos]... Ninguém sabe, mas nós somos apaixonados por essa arte de plantar, de colher e escolher variedades, essas coisas... E aí eu acabei fazendo ciências sociais. Ia fazer ciência política, mas resolvi fazer antropologia para poder estudar não aos indígenas, mas para estudar os brancos, para entender os brancos. Assim como o caçador, ele sabe tudo da caça, ele sabe onde a caça bebe água, onde que ela se alimenta, do que ela se alimenta, aonde que ela dorme, aonde que ela transita. O caçador é obrigado a saber tudo isso.

Então, eu acho que todo indígena tinha que saber como os brancos agem para poder conviver com brancos. E até como uma forma de resistir enquanto povo originário. E aí a Marlinda se formou dois anos antes de mim. Eu fiquei cinco ou seis anos, porque muitas matérias eu não fiz. Tinha uma disciplina de matemática e eu fui fazer. Antes de começar a aula, eles fizeram um culto na sala de aula. Peguei, me retirei e nunca mais voltei. Eu não vim para aprender religião, eu vim para aprender princípios da matemática. Depois, tive que pagar essa disciplina. E aí demorei muito também para escrever a monografia, TCC, né? Trabalho de conclusão de curso... daí, parei de estudar: não tinha mais vontade de estudar. Ainda fui a uma aula que um professor da UFAC me convidou. Fui assistir a aula, mas senti-me muito deslocado. Por isso, pensei comigo mesmo: eu não piso mais nesse lugar! Passou o tempo, esqueci isso e acabei me inscrevendo. Agora, em uma turma destinada para os indígenas pela Década Internacional das Línguas Indígenas, aí vou me

inscrever. Iberê [o filho] veio me incomodar para me inscrever, e aí eu decidi, vou me inscrever, daí eu fiz um memorial, aí passei, fui aprovado! E essa é minha trajetória escolar.

REFERÊNCIAS

MELIÀ, Bartomeu. Guarani Mbya: História, nomes e lugares. **Blog Povos indígenas no Brasil**. Brasil, 1 nov. 2023. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani_Mbya Acesso em: 14 jul. 2024.

SURVIVAL. Los guaraníes brasileños sufren en manos de violentos terratenientes. **Blog Survival**. S/d. Disponível em: <https://www.survival.es/indigenas/guarani> Acesso em: 14 jul. 2024.